



José Cardoso Pires

## O Pai Natal do ano 2000

Barcelona, manhã de Primavera do ano de 95.

Num domingo de sol como este é realmente uma maravilha acordar no velho Hotel Colón, de frente para a Catedral, e deparar com os catalães de mão dada a dançarem La Sardana ao fundo das escadarias sagradas. Barcelona, para mim, começa sempre no Colón, com baile de roda na praça e incenso na Catedral, e segue, por entre o gótico e a Arte Nova, até às colinas da última vanguarda. De caminho, é garantido, faço alto na esplanada dum bar manhoso que eu cá sei (em baixo, ao fundo da Rambla) mesmo à vista da estátua de Colombo, e gasto o resto da manhã a ver passar drogados que andam à procura do fio do dia, turistas de roteiro obrigatório e putas estremunhadas.

Quase em frente, junto aos semáforos, tenho os pedintes do costume à espera do sinal vermelho para atacarem os automóveis. Hoje no meio deles andam duas garotitas, duas irmãs, a maior a arrastar a outra de carro em carro, enquanto não vem a luz do arrancar. Las Meninas, chamo-lhes eu cá de longe para mim mesmo.

Vejo-as naquele volteio como se fossem passarinhos a saltitar na cidade à procura das migalhas do sustento e são lindas, Las Meninas. Duas ciganitas louras, de mão na mão num vaivém de não parar, a mais pequena com um balão atado ao pulso que lhe retrai a corrida mas que ela não larga, nem pensar.

Eu é que, sentado na manhã de sol com os olhos nas duas Meninas da Rambla, passo para uma outra que encontrei num fim de tarde de Lisboa, quase à porta da Casa dos Bicos. Teria uns treze anos, não mais, e por acaso o mesmo olhar azul das que andam aqui à minha frente. Criança como elas, mas com uma estranha voz adulta para um corpo tão pequeno e mais: com um filho nos braços que lhe tinha vindo da infância perdida

*O brinquedo como companhia sonhada e a morte como jogo fazem associações macabras. E ocorre-me imediatamente Elaine Monaghan na sua Reportagem sobre Auschwitz: "O que mais chocou Skliarov", escreveu ela, "foram os bonecos e os ursos de peluche. Não fazia sentido encontrar num lugar como aquele uma tão grande quantidade de objectos pertencentes a crianças."*

como um brinquedo encantado. Depois, ainda na meninice e já na maternidade, tinha a boca em labaredas de baton e, ao aconchegar o menino contra o peito sem seios, tomava um ar todo grave de mulher-mãe compenetrada.

Infanta prostituta a acordar para a noite, a menina da Casa dos Bicos era uma ilustração sem qualquer relevo no álbum dos horrores que povoam o mundo das crianças deste fim do século. Penso em drogas, traficâncias, já se sabe, e no muito mais que me fica por trás disso. Em Lisboa como nesta Barcelona de alto mundo, as ciladas e os mistérios que marcam as crianças ao abandono são cada vez mais sinistras. Mais diabólicas, quero eu dizer. Criaturas indefesas para serem negociadas com ternura como filhos desejados ou, pelo contrário, anímais excedentes para serem abatidos pelos esquadrões da morte; meninos de chamariz alugados aos pedintes; exemplares de laboratório, carne de amostra que os cirurgiões do comércio dos órgãos esquartejam a cotações internacionais. Sim, toda a gente sabe disso, todos os dias há uma criança raptada que regressa a casa sem olhos ou uma vala comum que aparece, carregada de corpos despojados de órgãos de toda a ordem — e então, pergunto eu, afinal que espécie de

animal é este que tanto se ama como se extermina pela sua inocência e pela sua fragilidade e que mistérios se congeminam a toda a hora à volta dele?

Que mistérios, repito. E lembro-me de duas outras Meninas, as de Florença, não sei se sabem. Duas irmãs iguais a estas da Rambla, que todos os dias andavam à esmola dos automobilistas às mesmas horas e no mesmo lugar. Até que, há quatro ou cinco semanas atrás, veio nos jornais, lhes apareceu um Pai Natal de Primavera num deslumbrante carro 2000 (carro roubado, mas adiante) e lhes atirou para os braços uma boneca de luxo do tamanho dum sonho. E foi o milagre e o inferno num só instante, porque as crianças ignoravam que naquele presente que lhes chegara dos céus vinha uma bomba armadilhada e, num estrondo que abalou a cidade, ambas desapareceram em pedaços pelo ar. Silêncio. Ponto final.

Alguém é capaz de entender o porquê deste sacrifício, o mistério de Las Meninas de Florença? Verdade, não há dúvida: cada vez mais, a morte e as religiões da morte se tornam mais abstractas e mais cegas.

Já a despedir-me, bebo o resto do gin-tonic e deito um olhar às duas irmãs que andam no meio dos automóveis com um balãozinho a deslizar por cima das suas cabeças. Aviso a mim mesmo: o brinquedo como companhia sonhada e a morte como jogo fazem associações macabras. E ocorre-me imediatamente Elaine Monaghan na sua Reportagem sobre Auschwitz: "O que mais chocou Skliarov", escreveu ela, "foram os bonecos e os ursos de peluche. Não fazia sentido encontrar num lugar como aquele uma tão grande quantidade de objectos pertencentes a crianças."

Passo adiante. Deixo Barcelona, Las Meninas e o semáforo da Rambla com a quase certeza de que, algures por ali, anda o Pai Natal do Carro 2000 a rasgar a Primavera em alegre perversão. ●